

Stadium

N.º 45 ★ 13 DE OUTUBRO DE 1943



No Sporting-Unidos

Belo instantâneo que não necessita de grande legenda: a luta entre A. Marques e Osvaldo. (Cliché do distinto amador M. Seixas)

Um projecto de estádio municipal para Beja

A actividade desportiva de Beja está virtualmente limitada ao futebol — e é pequena. Não se pratica, com regularidade, qualquer outro desporto. O ciclismo, que nesta provincia chegou a ter certo valor, momentaneamente existiu em Ferreira do Alentejo o Velo Clube «Os Leões», que deu ao seu distrito uma vitória individual na «Volta a Portugal», desapareceu quasi por completo. Não se fazem provas há dois anos. O «ping-pong» joga-se mas sem competição inter-clubes. Não há mais nada.

O futebol é, pois, o único desporto em actividade. São, todavia, poucos os clubes bejenses de primeiro plano — o Lusitano Sporting Clube, de onde é ainda figura de destaque Raúl Guerreiro Lampreia, vereador da Câmara de Beja, presidente da Associação de Futebol de Beja e antigo director da Federação Portuguesa de Futebol; e o União Sporting, sob o impulso de Manuel de Melo Garrido, conhecido árbitro de futebol e nosso presado colega de imprensa. Há mais dois — o Despertar e o Botafogo. Têm, no entanto, acção de menor amplitude.

Conta 27 anos de existência, o Lusitano. E tem campo próprio — o Estádio Avilez. Dispõe, porém, de uma supremacia que tira animação aos jogos locais. Ganha quasi sempre. É campeão de várias modalidades — e de futebol, há anos. E as fracas receitas dos desafios particulares não permitem grandes iniciativas com clubes de fora.

O Estádio Avilez, na periferia da cidade, está condenado a desaparecer, devido a encontrar-se na zona para onde a cidade se estende. A Câmara Municipal de Beja, que tem à frente o dr. Banha da Silva, não descarta, no entanto, o problema desportivo. Contribue, com um subsídio mensal, para a existência da Associação de Futebol de Beja. E não deixa o Lusitano abandonado ante a perspectiva da perda do seu campo. Em substituição do Estádio Avilez vai construir um Estádio Municipal.

Encontra-se concluído o respectivo projecto. A Câmara Municipal tem recursos financeiros bastantes para a construção e dispõe, já, da comparticipação do Estado, pelo fundo do Commissariado do Desemprego. Falta apenas o local, porque a Câmara tem esse problema dependente do projecto global de urbanização da capital do Baixo-Alentejo. O estádio será localizado no ponto que for julgado mais conveniente pelo architecto-paisagista encarregado de elaborar o plano do desenvolvimento de Beja.

A perspectiva, para esta cidade, é, assim, a de um estádio municipal dentro de pouco tempo, para futebol e outros desportos. O espirito de iniciativa do dr. Banha da Silva tem operado prodígios. E Raúl Guerreiro Lampreia não descarta também o assunto. Nestas condições, o estádio municipal para Beja é ideia em vias de realização.

MARIO DE OLIVEIRA

NOTAS & COMENTÁRIOS

AS diversas federações nacionais de desporto vão entrando em regime interno de comissões administrativas, naturalmente até à remodelação dos estatutos, para adaptação da sua organização interna às directrizes fixadas no regulamento geral da Direcção Geral de Desportos.

Entre as federações com as suas comissões administrativas devidamente homologadas, figuram as de Remo e de Futebol. Por parte do remo, volta à actividade directiva um elemento que se distinguira bastante, pelas suas excepcionais qualidades de dedicação e facilidade de trabalho — José Beirão. Quanto à Federação de Futebol, do famoso trios dos últimos anos fica, apenas, o dr. Vergílio Paula. Mas sobem às esferas superiores do futebol lusitano outros elementos de muito prestigio.

NA carreira de qualquer atleta há sempre a influencia da idade — tanto para subir como para descer. Mas a desceida é muitas vezes mais rápida quando há paragens importunas. O atleta nestas condições tem de abandonar mais cedo a actividade de provas.

Vieram ao nosso espirito estas observações quando subimos, há dias, que o nadador João da Silva Marques fôra punido com um ano de suspensão. Que influencia poderá ter, na carreira do antigo campeão, e ainda «arborescente» de provas de brucos, o castigo agora aplicado?

Após 18 anos de supremacia incontestada, João da Silva Marques corre certamente o risco de sair do desporto — com a inação imposta por um castigo, o que é de lastimar.

EM todas as equipas há sempre jogadores que se adaptam a mais de um lugar, na maior parte das vezes com utilidade para o clube representado. Encontra-se agora nessa situação Joaquim João, da Associação Académica. Estreou-se no valoroso «conce» académico de Coimbra, a avançado-centro. Passou, depois, para extremo esquerdo. E jogou, nos últimos desafios, a extremo direito.

Joaquim João pertence, pois, ao tipo do jogador útil em qualquer lugar.

ENTRE os clubes corporativos, e nas suas provas, aparecem por vezes atletas que se retiram das competições inter-clubes em plena forma e que brilham ainda.

Nas provas de natação do Vácuum Clube, distinguiram-se dois nadadores nessas condições — Alberto Ferreira, que julgamos ter representado sempre o Benfica, e Sérgio Conde Ribeiro, antigo nadador do Clube Sportivo de Pedrouços. Foram, ainda, dois grandes nadadores — na correcção do estilo e no entusiasmo com que se bateram, embora dentro do mesmo clube — o clube da companhia a que pertencem.

NUM jornal espanhol, na «Marca», excelente órgão madrilenho de desporto, encontramos um telegrama enviado de Lisboa — nem mais nem menos a notícia de que o Benfica triunfara no campeonato de Lisboa com a vitória obtida contra o Unidos.

Houve precipitação — ou não passou de um prognóstico...

ANO XI — Lisboa, 13 de Outubro de 1943 — II SÉRIE-N.º 45

STADIUM
REVISTA DESPORTIVA

Director e Editor
DR. GUILHERMINO DE MATOS

Propriedade da
SOCIEDADE REVISTAS GRAFICAS LDA.

Redacção e Administração:
T. CIDADÃO JOÃO GONÇALVES, 19-3.º
Telefone 51146 — LISBOA

Gravura e impressão de NEOGRAVURA, LTD.
Composição e impressão tipográfica na
GRAFICA SANTELMO — LISBOA

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

NOS últimos tempos, tem a Espanha procurado realizar vários encontros peninsulares, em diferentes desportos. Teria sido útil aproveitar essa boa disposição dos nossos vizinhos para alargar o âmbito do intercâmbio entre os dois países. Surgem, assim, em geral, dificuldades — algumas vezes por nossa parte, devido a falta de instalações.

Com o ciclismo deu-se agora isso. A União Velocipédica Espanhola convidou a União Portuguesa para um Portugal-Espanha em pista, mesmo em Lisboa. Indicaram, no entanto, uma data — fins do mês corrente — que não pôde ser aproveitada, precisamente por deficiência das nossas instalações para a especialidade. Com uma pista ao ar livre, numa altura do mês de Outubro em que é de recear a irregularidade do tempo, quem é que pode assumir a responsabilidade dos respectivos encargos de organização?

VÃO prosseguindo, com regularidade, alguns campeonatos districtais de futebol, mas há outros de que não se fala ainda. O de Beja tem sido adiado por mais de uma vez. Os clubes são poucos. Há um ou outro ainda em balanço — quanto aos encargos da prova. E o tempo passa...

O União Sporting, de Beja, filial do Sport Lisboa e Benfica, e que tem encontrado mais de uma vez valioso auxílio na direcção do popular clube, vai entrar, agora, numa fase de maior actividade.

Entre as iniciativas que tem em projecto figura uma nova tentativa para a prática e expansão do «basket-balls». Os clubes da provincia ganharam muito, em movimentação e em beneficio que podem proporcionar aos seus sócios — levando a sua acção a outros desportos.

HÁ desportos em que se recordam, de vez em quando, os seus veteranos — aqueles que, tendo dado, em temporadas excessivas, o melhor da sua colaboração a determinado desporto, dele se afastam — pela força imperiosa do declínio que o correr dos anos provoca ou por qualquer outro motivo.

Pois a festa de homenagem a Silva Ruiivo vai permitir recordar os veteranos do «boxing», alguns deles com valor afirmado largamente no estrangeiro — ou contra estrangeiros. Este é um dos melhores atractivos da festa em preparação. Recordar é viver!

EM Setúbal, realizou-se, há semanas, a assembleia geral do Vitória, para eleição de novos corpos gerentes. Houve quem lembrasse o regresso de Mariano Coelho à presidência do velho clube sadino. Mas o antigo e prestigioso dirigente setubalense não pôde, ou não quis, acceitar a sugestão. E foi reeleito o anterior presidente da direcção, Evaristo Pimentel.

A solução é curiosa — e oportuna. É, mesmo, um preito de homenagem aos belos resultados da direcção cessante, no que respeita ao futebol. A boa figura feita pelo Vitória na última «Taça de Portugal» não deve esquecer facilmente.

NO momento em que o último número da «Stadium» começava a circular tivemos conhecimento da morte de Carlos de Vasconcelos e Sá, jornalista de uma época brilhante, carácter nobilíssimo e coração de luminosa bondade. A sua qualidade de cronista mundano aproveitou-a inúmeras vezes para minorar a sorte de muitos infelizes.

Pouco depois — na última semana a morte caprichou em roubar-nos alguns amigos queridos — deu-se o falecimento de Armando de Brito, secretário da comissão executiva do «Comitê Olímpico Português» e vice-presidente do congresso da União Velocipédica. Era dos mais dedicados amigos do desporto e o ciclismo ficou-lhe devendo, especialmente, actividade deveras prestimosa. Também foi colaborador de algumas publicações desportivas.

Que descansem em paz!

Luta renhida do princípio ao fim

eis a característica dos três jogos da quarta jornada do campeonato de Lisboa de futebol

Comentários de TAVARES DA SILVA

ANTES da sua disputa, a 4.ª jornada dava a idéia — simples — de mais um passo em frente. E mais nada. Colocados os 3 mais fortes, ou assim tidos, em presença dos outros, aqueles limitavam-se a subir um degrau, sem qualquer esforço físico, ou sem desgaste. Realmente, os chamados fortes deram o passo. Em frente. Para o darem, porém, tiveram de fazer a chamada ao seu fundo de energias.

Já por várias vezes temos referido que os scores, muitas vezes expressivos, também induzem em erro quem se limitar a apreciá-los, não tendo em conta outros factores. Belenenses, Benfica e Sporting passaram a 4.ª jornada com felicidade e êxito. Em todo o caso, a grande lição a tirar na jornada é de que o Atlético, o Unidos e o Fósforos não se resignam à condição de vítimas, procurando, a todo o transe, nivelar o jôgo — nivelando-se — desde as Salésias a Marvila.

Os mais poderosos lutam com inteligência pela sua já reconhecida hegemonia e preponderância. Mas os outros põem espantosa energia nos seus actos e no seu desejo de ascensão. Estas duas forças em presença — óptimas — reflectem-se poderosa e vitoriosamente no futebol lisboeta. Mais tarde ou mais cedo devem ver-se os frutos.

Os três desafios apre-entaram a mesma característica: *luta cerrada do primeiro ao último apito*. Mas a melhor expressão de luta, enérgica, renhida e desembaraçada, deve ter-se travado em Marvila, entre o Fósforos e o Belenenses. Por isso, fizémos bem em lá terido. Gosámos o que se chama um espectáculo vivo e ardente. Pletórico de energias.

Para as bandas de Marvila realizou-se no passado domingo pitoresca romaria. Belem ali se deslocou, em muitos automóveis. Todas as pessoas de distintivo belenense na boteleira, e com a necessária confiança no espírito. Nem sequer faltando os indispensáveis pipros, no fim. O futebol, insensível ao que vai pelo mundo, continua a dominar, domingo a domingo, alargando o seu raio de acção e a sua esfera de influência.

Campos grandes e campos pequenos.

Um *team* perfeito e completo deverá adaptar-se a todas as condições e circunstâncias. Variar a sua tática — porque isso é um problema que depende fundamentalmente do adversário. Variar a técnica quando as condições em que a partida a isso obrigam. Portanto, não pode apresentar-se como *uma desculpa que tudo desculpa* o tamanho do terreno do jôgo. As medidas do campo.

Ainda no domingo passado, em Marvila, ouvimos a referida desculpa amida. Ora uma grande equipa tanto deve jogar em terreno com as dimensões máximas como noutros terrenos, desde que legais. E o campo do Fósforos não se nos afigura ser dos mais pequenos, com os seus 96 de comprimento por 56 metros de largura. Ora as medidas mínimas são de 90 por 45, porque as máximas não é necessário referir. Nenhum campo português as tem. A não ser — julgamos — o Estádio Nacional.

Um torneio não é mais do que um conjunto de desafios em vários campos, e há que saber-se adaptar às suas condições. O Belenenses tinha a obrigação de não jogar em Marvila como joga nas Salésias. De resto, assim aconteceu. E assim fez. Foi diferente d'êle próprio. Isto é, do que costuma ser.

Porque não deve esquecer-se que os clubes de campo pequeno também se deslocam aos anchos campos.

Um quarto da hora modelar. Energia como característica.

É prática inteligente o aproveitamento inicial de todos os favores dos elementos naturais,

do vento como do sol. Assim fez Amaro, um médio com personalidade, aproveitando-se do favor do vento na primeira parte — aquela, por sinal, em que se marcaram *goals*, três para um dos lados, um para a outra.

O Belenenses teve o propósito nítido de esmagar o adversário no primeiro momento, não o deixando respirar e cortando-lhe assim as asas capazes, possivelmente, de vôo audacioso. Ou por idéa preconcebida, ou porque as coisas saíssem assim mesmo, o *team lisboeta que melhor futebol pratica* conseguiu a vitória no primeiro quarto de hora, dando uma lição magnífica de jôgo.

O Belenenses, como já temos dito, noutras vezes, praticou um jôgo da melhor combinação, estando esta a cargo de elementos individualmente hábeis e sabedores, posto que cada qual ao seu jeito e intuição. Nem sabemos que mais admirar. Se a elasticidade de movimentos globais. Se a ligeira individual tocada de graça e harmonia de cada elemento.

Um grupo que se impõe desta forma, no começo, mesmo quando a hora da adversidade chega dificilmente será batido. O adversário luta, e continua a lutar, mas já inferiorizado, mesmo pouco convencido das suas possibilidades. Reduzido às suas verdadeiras proporções.

Tivemos sincera pena que o Belenenses não alargasse o seu período modelar, preferindo dar seis períodos de quarto de hora de todo o desafio, cinco à base de energia, espírito de luta e de sacrifício físico. Quere dizer: o jôgo vulgar, próprio das equipas que são iguais às outras equipas. O Belenenses não tinha o direito de nos deixar com água na boca. Exactamente pelo destaque da sua esplêndida forma.

A propósito do sistema de marcação do Fósforos

O sistema de marcação que Szabo trouxe para Portugal, ou então que mais expandido se tornou desde que êle cá se encontra, consagrada as raízes, tão frequente está a ser a sua adopção. O último grupo conquistado pelo sistema, através do dr. Abrantes Mendes, que bebeu certamente na fonte sportinguista, foi o Fósforos.

Não queremos significar que semelhante tendência seja um mal. Até porque o segundo sistema de marcação tem dado bons resultados na prática, e é de bom engendrado. Todavia, temos a impressão de que êle é aplicado não tendo em vista o processo e as qualidades dos homens encarregados da execução. A sua aplicação faz-se — por não haver outro à mão. E bom Deus! Que inferioridade de combinações de marcação (sistemas) se podem fazer, após reflexão e estudo dos elementos constitutivos de um *team*. Por exemplo, para não irmos mais longe, para a maneira viva, rápida e enérgica do Fósforos, actuando em campo de exiguas dimensões, o defesa e o médio de cada lado podem perfeitamente conjugar os seus movimentos no sentido da indistinta marcação, quer ao interior, quer ao extremo. E podíamos ir mais longe.

Entretanto, não há dúvida de que o Fósforos progride. Que, por efeitos da adopção de um sistema de marcação, um determinado, o seu jôgo resulta muito menos fragmentado do que antigamente, embora assente ainda em grande parte na fogueira dos seus jogadores, que não conseguiram ainda libertar-se — parece impossível! — de velhos hábitos da 2.ª Divisão. Contra o Belenenses portou-se à altura das circunstâncias. Nem sequer se pode dizer que tenha sido bafejado pela sorte. Bem pelo contrário.

Uma equipa que falta na preparação, o Atlético. Uma que não perde, o Benfica.

O factor foi apresentado ao Atlético, a pro-

pósito do seu encontro nas Salésias. Volta agora à baía, em referência ao desafio do Campo Grande, contra o Benfica. Porque o Atlético deu uma impressão agradabilíssima no começo, em fase relativamente larga. Para depois se ressentir visivelmente durante o resto da partida, embora com um assomo, ar de graça ou fulgôr de certa passagem da segunda parte. Porque — caso curioso — a equipa não demonstra que é capaz de fazer. Faz mesmo. Executando movimentos de conjunto de bom recorte, com desembaraço, intuição e jogada final. Depois, sem gás, decai e abate. É certo que a sua defesa, globalmente considerada, talvez não esteja ao nível da parte restante do grupo. Porque se deixava bater com facilidade. Mas a falta de fundo, preparação física do grupo, não nos parece argumento de fantasia, pelos exemplos dados e repetidos. Evidentemente, antes disso do que falta de valor. Com bom material pode construir-se boa obra. O Atlético tem o *material humano* necessário.

O Benfica dia a dia afirma mais vincadamente as suas tradicionais qualidades. Aquelas que o tornam inconfundível. Alguns clubes, baralhados, tornar-se-iam irreconhecíveis. Com o Benfica não havia esse perigo. Onde se distingua uma vontade de ferro, ou tenacidade sem limites, e o melhor aproveitamento de todas as oportunidades, está o Benfica. Os acasos podem dar-se aos outros clubes, que êstes não os aproveitarão, algumas vezes. Mas o Benfica não deixará fugir um, sequer (vidé seu 3.º *goal*). Dir-se-ia que, por efeitos da sua boa estrêla, já aguardava a oportunidade.

O Benfica ainda não perdeu. Muita gente que observa a equipa parcelarmente, como se a fibra se pudesse tirar da fibra, não dá a importância devida aos resultados que ela consegue e realiza, e aos seus êxitos. Todavia, o onze benfiquense tem consistência e forte estrutura medular. Contra o Atlético, nos momentos necessários, provou-o mais uma vez. Sempre o demonstra.

Equipa de tendência para o derrote, o Unidos. Para a vitória, o Sporting

O hábito, ou a chamada tradição, parecendo que não, pesa nos acontecimentos e nas equipas. Uma vez, julgamos que a propósito de uma derrota do Unidos num Unidos-Sporting, afirmámos que, se fosse possível repetir o jôgo, lance a lance, golpe a golpe, com os jogadores do Unidos defendendo o Sporting, e vice-versa, camisolas trocadas, não seria possível aquela derrota do Unidos. Desta feita, na 4.ª jornada, a afirmação não deve ter cabimento, porque a vitória do Sporting nasceu com o primeiro pontapé, e o que depois se passou, de modo geral, confirma esta tendência do princípio.

Isso não quere dizer nada para o efeito. O Unidos é um grupo de tendência para a derrota. Quantas vezes temos visto os seus avançados perderem num relâmpago o que pacientemente construíram. Parece que a equipa, o que é estranha, é a vitória. A derrota aparece-lhe como uma fatalidade certa. No domingo, por exemplo, quasi que não chegou a saborear o empate, que buscou com o maior dos empenhos. Porque o mais estranho é que, geralmente, nestas condições, *team* que empata — progride. Pois não. O Sporting é que se colocou logo a seguir na posição de vencedor. Insistindo pelo tempo adiante. Parece-nos que há qualquer coisa na extrema defesa do Unidos que não está a trabalhar bem. Talvez Eduardo Santos, combatido sob o ponto de vista nervoso. Parece-nos também que há qualquer coisa no ataque do Sporting que começa a funcionar bem. O poder do remate. Ou coisa que o valha.

Insistindo num critério, quanto a disciplina

Deidemos a força e a virilidade no jôgo da bola. Se o futebol deixasse de ser, acima de tudo, uma bela e fogosa luta física, perderia grande parte do seu interesse e valor, mesmo no campo do aperfeiçoamento do homem como homem. Claro que, sempre que se chocam dois corpos, leal e rudemente, o mais forte domina o mais fraco, porque naquele serão menores os estragos produzidos pelos efeitos do choque. A luta dura do corpo a-corpo, necessária no futebol, e contemplada nas Regras, emociona

(Continua na pág. 15)

Algumas imagens dos CAMPEONATOS NACIONAIS CORPORATIVOS de ATLETISMO



Joaquim Campos, da D. S. Viação Sul, campeão dos 1.000 metros



Pinto da Cunha, do Porto, que venceu no salto em altura



José Maria Santos, da F. N. L. M., vencedor dos 3.000 metros



Uma fase da prova de 8.000 m.



A equipa do Porto



Gomes dos Santos, do Porto, vencedor do peso

BOXING no Estádio Mayer

Boa vitória de GUEDES sobre ELOY

Crônica de Rafael Barbadas

A sessão de 6 do corrente, no Estádio Mayer, deixou-nos agradavelmente impressionados e foi largamente concorrida. O programa compreendia uma série de combates bem equilibrados — e um deles de grande expectativa. Esta não diminuiu até ao último assalto e, decerto, foi o motivo que dispôs bem a farta assistência que enchia o recinto do espectáculo.

Agostinho Guedes e o espanhol Eloy sustentaram um duro choque, que os esgotou, e findaram muito fatigados. Constituiu surpresa, para nós, pelo menos, que o português fosse quem deu primeiro, e mais acentuadamente, mostras de fadiga. Ou se trata de erro de preparação ou de falta de treino, mas preferimos optar pela primeira explicação.

Convém acentuar que o treino em excesso é mais prejudicial do que a sua ausência e que um organismo em *surmenage* requere bastante repouso.

Agostinho Guedes levava vantagem de peso muito razoável, embora Eloy e ele pertençam à mesma categoria. Dentro do ring essa diferença não se viu, de tal modo estavam bem escolhidos os dois jogadores.

Guedes impressionou-nos bem e mostrou-se melhor do que na última vez, jogando com directos da esquerda e só metendo a direita, em *hooks*, depois de preparação demorada. Os dois primeiros assaltos foram sensivelmente iguais, sem que qualquer dos *boxeurs* se empregasse. No 3.º round Agostinho tomou a iniciativa e forçou o andamento, passando a dominar. No assalto seguinte, com um bem colocado golpe da direita ao queixo, Eloy tomba por 7 segundos. Segue-se uma troca de golpes e Guedes é por sua vez tocado duramente no nariz.

No 5.º assalto, o campeão português continua atacando com brio e aplica, no maxilar, um óptimo *hook*, que faz descer à lona o adversário, por 5 segundos. Até ao fim do assalto, o espanhol é batido com 3 golpes bem assentes e termina muito abalado.

No sexto assalto verifica-se que ambos os jogadores se encontram muito esgotados pelos esforços feitos anteriormente; Guedes é o mais extenuado dos dois e o seu antagonista aproveita para tomar a iniciativa e aplicar alguns bons golpes, ganhando o round. No 7.º round Eloy é colhido por um sóco à cara e tomba por 8 segundos. O português não pode prosseguir por falta de fôlego e deixa o adversário refazer-se.

No 8.º assalto Guedes domina espasmódicamente. Regista um *uppercut* a favor de Guedes que desamparou o espanhol.

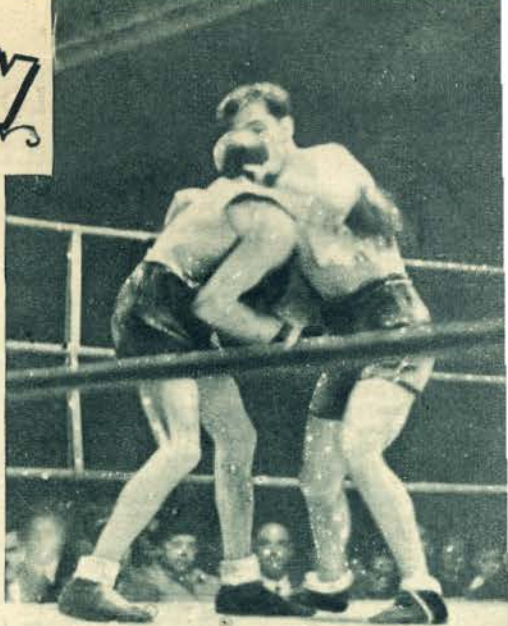
No 9.º round Eloy é atirado ao solo mas levanta-se sem contagem. No 10.º e último round, com os dois pugilistas no limite da sua resistência física, Agostinho Guedes domina claramente e obtém a vitória por pontos — e por grande margem.

Os restantes encontros da noite foram, como é natural, menos brilhantes. Os *meio-médios* Jorge Larzem e Guadalupe (espanhol) fizeram oito assaltos monotonos, devido, por um lado, à diferença de estatura entre ambos e, pelo outro, à tática do espanhol. A partir do 4.º assalto, Guadalupe procurou atacar com a direita em sócos largos e entrou no corpo a corpo, para evitar a resposta. Larzem não soube conservá-lo a distância e por isso a luta perdeu o interesse que podia haver registado. A vitória de Larzem foi merecida e aplaudida.

António Correia e Izidro Pérez (*meios-médios*) fizeram um combate que prendeu a (Pérez) tem estilo e sabe patrlota, mas os seus exibiu excelentes sumatirou Correia ao solo pes. A vitória de Pérez, bora Correia tenha tam sos pela sua conduta, eldo até sessão,

nossa atenção. O espanhol muito mais que o nosso meios físicos são reduzidos. dois à cara e no 6.º assalto com esta combinação de golpor pontos, foi merecida, embém merecido aplaudão se dando por veno ao *gong* final. A abrir a Diamantino Gama (peso

(Continua na página 7)



Izidro Pérez castiga o jovem Correia



Jorge Larzem e Guadalupe em acção



Agostinho Guedes — o grande triunfador da sessão! — ao final do com-



A ESTRUTURA DA VELOCIPEDIA PORTUGUESA

NECESSITA DE SER REMODELADA

UMA VEZ POR OUTRA...

CONTINUANDO as considerações feitas no nosso último número sobre a remodelação que tem de incidir na orgânica do ciclismo nacional, cabe pôr agora uma pergunta: Poderá a nossa velocipédia, em futura transição, passar a ser orientada tal qual outra modalidade desportiva?

Estamos convencidos de que não, pois a própria estrutura do ciclismo é, como acentuamos na semana passada, diferente em absoluto da maioria dos desportos praticados entre nós. Em nenhum país da Europa, antes da guerra, é claro, se usavam para o ciclismo as normas directivas aplicadas ao futebol, «rugby», «hockey» ou qualquer outro desporto, não obstante haver nações em que as modalidades viviam isentas de qualquer fiscalização do Estado, a par de outras em que os poderes constituídos exerciam «controle» directo em toda a actividade desportiva.

Isto demonstra que seja qual for a orgânica ciclista de um país — desde a inglesa, que não permite corridas em estrada para que os corredores não se apresentem nas ruas com as pernas à vela, até à alemã, que não admite mais de 60 ciclistas profissionais — em todas as nações a velocipédia tem vida própria e singular,

O panorama do ciclismo luso

Actualmente, o ciclismo português é regido, mais ou menos, segundo os princípios adoptados na Bélgica e na França, países que têm servido normalmente de modelo para quasi toda a orgânica da velocipédia internacional. Há naquelas duas nações uma federação nacional, várias delegações e inúmeros clubes, com corredores amadores e independentes e profissionais. As unidades individuais constituem e representam os clubes; estes, agrupados, formam as delegações; e estas tornam possível, com a sua filiação, a existência das federações.

Mas se esta mecânica dá na Bélgica e na

Do conta própria

Um «vencido do desporto»?...

Everídica. Aconteceu há semanas, depois de se terem corrido os campeonatos nacionais de remo. Um remador de certa colectividade bem conhecida, comunicou, dias depois das regatas, que não voltava a correr. Mais ainda: que saía de sócio!

Houve natural surpresa. Não se registava com o citado remador a mais leve divergência ou desacôrdo, tão banais nos conjuntos que perdem uma competição e cujos elementos, com pouca noção desportiva, se imputam depois as responsabilidades.

Procuraram saber-se as causas do afastamento. Admitiu-se a ideia de não mais desejar competir. Era lógico. Num clube de amadorismo puro, em que não há compromissos desportivos, mas tão somente o compromisso voluntário e moral, ligando o atleta à colectividade, não se fazem pressões, nem a palavra obrigação tem o mais leve significado.

Escusa breve. Explicação pouco clara. Razões confusas. A surpresa aumentou. Mais por sair de sócio, do que propriamente por deixar de correr. Mas o atleta em questão guardava mutismo irredutível. A «embaixada» encarregada de averiguar os «porquês» da sua atitude teve de se retirar vencida, sabendo tanto como antes de lhe falar.

Passaram dois dias. E o que meia dúzia não conseguiu, foi fácil a um. Houve jeitos de confissão, que podem traduzir-se assim: «Deixo de correr porque não me conformo com a derrota sofrida, muito especialmente porque me parece que não dou mais do que já dei. Saio de sócio porque não correndo não me interessa o clube!»

Leram, não é verdade? Esclareça-se, entretanto, que o desiludido atleta, a quem o epíteto de *vencido do desporto* assentaria como uma

França os melhores resultados, proporcionando vida desafogada à velocipédia, entre nós só é aceitável sob o ponto de vista técnico, disciplinar e orientador — e insuportável no que diz respeito a possibilidades de expansão ou desenvolvimento da modalidade.

Enquanto existem em Portugal apenas duas centenas de corredores, duas ou três dezenas de clubes filiados, uma centena de sócios individuais e uma delegação (esta até com vida financeira própria), o que é tudo pouquíssimo sequer para amparo da modalidade que ocupa certamente o segundo lugar no entusiasmo do público — na Bélgica, por exemplo, a proporção daqueles elementos da actividade é infinitamente mais elevada, acrescida de meia centena de velódromos, uma dezena de fabricantes de bicicletas e perto de meio milhão de «managers», delegados e comissários de ciclismo, tudo isto a contribuir com taxas, quotas e impostos de publicidade e representação para manter a actividade ciclista.

O meio termo ideal

Há, portanto, que encontrar uma formula orientadora, a estrutura directiva adaptável ao nosso meio e ao nosso ciclismo. Da mesma maneira que temos necessidade de tornar mais amplos os preceitos adoptados normalmente em Portugal para classificar os corredores de bicicleta, pelo que toca ao seu amadorismo (na Itália e na Bélgica um amador pode usufruir, por exemplo, os benefícios apenas admitidos, em França, aos independentes), também temos de estudar a forma de modificar a orgânica actual do ciclismo português dentro das suas características e em relação às suas possibilidades.

Mas para isto há que conhecer, em pormenor, quais as condições de vida da modalidade. A remodelação a fazer, que será em especial de carácter administrativo, embora tecnicamente também haja que modificar, deve atender três factos primordiais: 1.º — a indústria de bicicletas tem desenvolvimento muito relativo em Portugal e está bastante dispersa, portanto incapaz, pelo menos nas actuais condições de vida, de amparar a modalidade — que é afinal uma das suas razões de existência; 2.º — não há no país velódromos ou pistas suficientes para manter, com as suas receitas, corredores profissionais, ou sequer independentes, e ajudar os organismos dirigentes a desenvolver a modalidade convenientemente; 3.º — os clubes, como os corredores, não podem por si só conservar-se em actividade sem auxílio, ajudas, protecção, vinda de onde vier.

O problema, embora delicado — não é insolúvel. Com tacto, boa vontade e espírito de sacrifício, muito poderá fazer-se. Tentaremos examinar, em próximo artigo, de que maneira.

GIL MOREIRA

luva, tem a categoria de «principiantes», participou até agora em três regatas — e está na casa dos vinte!...

Estranha mentalidade, a deste rapaz. Complexo de vaidade, de falta de confiança e de persistência? Sem dúvida, mórmente a dos dois últimos atributos. Um e outro são fundamentais no desporto, e através deles se filtrará a força de vontade na vida de trabalho.

É possível que o desânimo seja passageiro e, transposta a crise de abatimento, ele volte ao clube e às competições. A crise — que o é de facto — não deixa, porém, de ser curiosa e constitui natural motivo de análise para os psicólogos. Um jovem, convivendo com outros, no mesmo ambiente fabricante, não pode alegar sequer como atenuante o não estar *calejado*. Pelo contrário — todos os resultados, favoráveis e desfavoráveis, devem encarar-se como compensação, uns, e estímulo para fazer melhor, outros. É assim no desporto — e parece que na vida!...

...Que a vida é permanente batalha onde o travo das derrotas quasi abafam o hábito agradável das vitórias!

LANÇA MOREIRA

ÉSTE público português é simplesmente admirável! Quanto cheira a estrangeirico — agrada-lhe e satisfaz-lo. Ainda há dias, numa reunião de *boxing* do Parque Mayer, um nosso compatriota perderia (dizem críticos entendidos) a luta com o espanhol Serafim Martin — se não fora o equívoco do árbitro que deu o empate! Pois o povinho, indignadíssimo, voltou-se todo contra o português (*boxeur* — e não árbitro!) entoando um verdadeiro concôrto de assobios... como se o pugilista tivesse culpa! E, ao invés, vitorion calorosamente o estrangeiro — que deve nessa altura ter-se sentido mais português que o seu adversário.

Conclusão: falta de patriotismo, ou, então, crise aguda de loucura colectiva...

MAS dias depois, noutra espectáculo do género — este no Campo Pequeno — a coisa voltou a repetir-se, então aumentada! E, vamos, nesta altura com sua razão. Tratava-se, também, de um espanhol e de um português, tendo o último incorrido em falta, de que resultou sair ferido, o primeiro, num sobrólio. Foi o diabo! E se a praça de toiros não fosse tão sólida, aquilo tudo teria ruído com o fragor dos protestos! Podia haver mais comedimento — porque tudo tem as suas proporções... Mas o nos-o público é admirável, neste aspecto. Simplesmente admirável... Em lhe cheirando a estrangeirico, e deixá-lo à redea solta... É o caso do teatro e do cinema: peça nacional, às vezes bem feita e com profundo sentido de análise ou de crítica, não pega, em regra; mas, se vier de fora, é invariavelmente boa. Succede o mesmo com artistas e homens do desporto; e temos por cá tanta gente com talento e faculdades atléticas...

CONTRARIAMENTE ao que se verifica, contros sectores, e na generalidade, os espectáculos desportivos constituem índice seguro das reacções do público. Há gente que só fre ou se alegra com a derrota ou o triunfo alcançado pelo atleta ou clube favorito! E então no futebol a «coisa» é tremenda! Que o digam as donas de casa, especialmente aquelas senhoras que têm a infelicidade de não perceber nada de futebol — mas têm um marido... furioso da «bota»! Estão sempre em aflições — enquanto o espóso não regressa a penates, se é que regressa! Que lhe reservará o final do dia?! Perdeu o clube?! Ganhou?! Se perdeu, é fatal que o senhor volte a caturreiro e resingão, implicando por tudo e por nada; mas, se ganhou, então ainda pode acalentar a esperança de um jantar fora. E nestes tempos de racionamento, a solução é ideal; posto que ficando a comida para o dia seguinte ainda pode poupar escudos e trabalho... Grande coisa é o futebol — arrelia de muita gente e consólo de outros. E então nos campos é que é vê-los: insultam-se mutuamente, pegam-se às vezes em questões inúteis — sem se lembrarem de que a bola é redonda e tanto anda como desanda... — e ora têm esgares de simio ora jeitos infantis de alegria; depois, no dia seguinte, ou não vão à oficina ou escritório (que as reacções do jôgo arrazou-os!) ou, mais sensatos, esperam os acontecimentos e fazem cálculos quanto ao desafio a seguir. Aspecto tão velho da questão e assunto sempre novo: as reacções valem, realmente, um poema...

PARA fechar anotemos aqui um facto que se passou ultimamente em determinada prova de natação — qual?! não vem ao caso. Parece anedota, mas é verdade! Disputava-se uma corrida qualquer (estilo e distância — não interessa) e era de tal forma aguerriada a luta que o júri se esqueceu do seu papel... para ver só a actuação do vencedor! Os outros concorrentes?! Não importa, pensariam, talvez! E é que foi mesmo assim... A prova acabou, foi designado o vencedor — mas os restantes classificados foram-no *ad-hoc*: o 2.º em 5.º; o 3.º em 4.º; o 6.º em 2.º... Enfim, uma confusão dos demónios! Moralidade: a tirar deste facto, véro e incompreensível: nem só as multidões têm direito a entusiasmarem-se, porque o júri também é gente...

PEDRO DE MONTALVO

Álvaro de Lacerda grande figura do desporto

MORREU na semana passada Álvaro de Lacerda. O seu nome andava ligado ao desporto — mas de uma época que vai esquecendo. Nos últimos anos, a actividade de Álvaro de Lacerda, em coisas de desporto, limitava-se ao Ginásio Clube Português, o velho Ginásio da sua mocidade vibrátil. Mesmo no Ginásio, ia sendo pouco mais do que uma figura do passado.

A biografia desportiva do falecido dava para trabalho amplo e profundo, que não poderíamos tentar neste momento, surpreendidos dolorosamente pela morte de um amigo muito querido, a que nos prendiam laços da mais afectuosa camaradagem, vindos dessa escola excelente de jornalismo que foi a direcção de Álvaro de Lacerda no «Sport de Lisboa».

Álvaro de Lacerda foi atleta nos primeiros anos de várias modalidades — mas foi, sobretudo, dirigente e jornalista. O dealbar da imprensa da especialidade em Portugal deu, para a história, três grandes figuras de jornalistas — grandes cada uma dentro das suas características — Álvaro de Lacerda, Armando Machado e dr. José Pontes. Sem desdouro para qualquer deles, Álvaro de Lacerda merece ser apontado como o mais brilhante — na forma, no conceito, na generalização dos seus conhecimentos, na sua garra de organizador e orientador. Armando Machado, falecido muito novo, ligo em especial o seu nome ao futebol. O dr. José Pontes foi o propagandista voluntarioso que ainda é. Álvaro foi tudo — em algumas coisas. Na primeira prova de natação foi assim — homem de iniciativa, homem dos regulamentos, reclamista, organizador — e concorrente.

Álvaro de Lacerda, jogador da fase heroica da introdução do futebol, nadador que deteve algum tempo o «record» da travessia do Tejo, ciclista, atirador, desportista eclético, em resumo, assumiu cedo, muito novo, funções de director e presidente da direcção do Ginásio. O clube deve-lhe, especialmente, a introdução da ginástica de Ling e o lançamento da natação como desporto organizado.

Inteligência brilhantíssima, temperamento magnífico de orientador, calmo sem deixar de ser entusiasta, persistente, audaz quando era preciso, critério superior de iniciativa e organização, cultura pouco vulgar, gra a pronta e fina, um sorriso de ironia sempre a bailar-lhe nos lábios, talento multifforme — Álvaro de Lacerda marcou sempre o seu valor em tudo a quanto legou a sua actividade e ennobrecer sempre tudo a quanto mereceu a sua simpatia desinteressada — no desporto ou fora dele.

Foi, repetimos, um pouco de tudo — fundamentalmente comerciante, industrial, director de empresas agrícolas, director de uma empresa de minas, comissário de abastecimentos no período difícil da guerra de 1914-1918, director e presidente de associações comerciais e industriais, representante de Portugal em conferências internacionais de trabalho, figura de destaque no «Século», em certo período de existência do conhecido periódico, conversador impetuoso, insinuante orador, conferencista, arqueólogo, historiador e «diseur» que illustrou um posto de rádio da capital em uma série brilhante de palestras sobre Lisboa e seus monumentos. Era um espirito requintado de artista, na intimidade. Foi praticante de vários desportos, membro do «Comité» Olímpico, presidente da Confederação Portuguesa de Desportos, fundador de várias federações por si ou em representação do Ginásio. Foi jornalista dos mais brilhantes. Só não foi ministro, mas porque não quis.

Dentro do jornalismo, colaborou em vários jornais — desde os primeiros periódicos de desporto. Distinguiu-se, particularmente, na direcção do «Jornal de Sport» e no «Sport de Lisboa», quando aquêle e éste se fundiram. Deixou obra notável, mesmo se a compararmos com o actual desenvolvimento da imprensa da especialidade. E fez escola.

Foi ainda um carácter, na mais nobre acepção do termo.

A construção de uma piscina sonho e necessidade dos nadadores

DO SPORTING CLUBE DE PORTUGAL

VÃO longe, relativamente, as épocas em que o Sporting era, na natação, um dos nossos primeiros clubes. Estão, todavia, na memória de todos, as lutas renhidas que travou com o Algés e Dafundo em natação e «water-polo».

António Soares, dr. Oliveira Duarte, Mário Garcia e Henrique Teles, são dêsses tempo.

Mais recentemente, no período que vai de 1930 a 1935 — período de transição para a natação portuguesa — houve ainda «leões» que, nesta ou naquela prova, marcaram posição de relevo.

Estão neste caso Fernando Antunes, Helder da Cruz Peres, Fernando Ayala, Ernesto Afonso de Barros e outros.

A secção ia, no entanto, no que respeita a competições, empalidecendo lentamente.

Vai, porém, para dois anos que se operou forte reacção dentro do clube. Rapazes entusiastas pela natação, cheios de boa vontade, têm trabalhado incessantemente no pósto náutico que o Sporting possui na doca de Santo Amaro, sobretudo na formação de jovens nadadores, quasi todos da categoria infantil.

Compõem o quadro dos instrutores do Sporting, além do «velho» Henrique Teles — que nem por isso é dos menos entusiastas — os seguintes elementos, citados por ordem de antiguidade: Ernesto Afonso de Barros, Vitor Jesus Amoedo, João Pereira da Costa, António Calado e Fernando Rodrigues Alves — amigos cem por cento da modalidade e do Sporting.

Também é de inteira justiça salientar o nome de João Vieira, antigo nadador do clube, actual treinador e orientador técnico dos nadadores que o representam em provas de competição. Entre estes é também justo registar os nomes de Fernando Sousa, Vitor Manuel Lopes, Vergílio Ventura e Rui Marques de Castro, e os «infantis» Augusto Faria, Eduardo Sousa, Manuel e Amílcar Gomes da Silva, que durante a época natatória se distinguiram por diversas vezes.

Isto significa que no Sporting, ainda que em más condições técnicas, se trabalha com muito entusiasmo em prol da natação.

Foi o que tivemos ocasião de verificar, há dias, no decorrer do festival para apresentação das classes de 1943, levado a efeito na piscina de Pedrouços.

Durante êsse festival trocámos algumas impressões com os dirigentes da natação «leonina», que se mostraram decididos a continuar a empresa a que meteram ombros, com o entusiasmo de sempre.

Estão, mesmo, tratando já da maneira como os seus nadadores hão-de continuar a preparar-se durante o inverno, em Algés ou no Esto-

Pugilismo no Estádio Mayer

(Conclusão da pág. 5)

médio) obrigou João Teixeira a desistir ao 4.º assalto.

As arbitragens discretas, exceptuando a do combate Larzen-Guadalupe, que foi de qualidade inferior.

Um combate mal dirigido enerva os jogadores e o público.

Os árbitros não devem esquecer o texto do art.º 108.º do Regulamento da F. P. B. e que é do seguinte teor:

«Quando o árbitro ou director de combate pronunciar a voz «separar» (break) os adversários devem afastar-se imediatamente (sem que o árbitro ou o director do combate tenham de intervir) dando um passo atrás e não batendo enquanto se separam.»

É de péssimo efeito, e contrário às leis do jogo, empurrar os homens, passar pelo meio dêles e, em especial, bater nas luvas de um ou de outro jogador.

Que descanse em paz o saudoso jornalista! A família do ilustre extinto e à direcção do Ginásio Clube Português, a expressão do nosso sincero pesar.

MÁRIO DE OLIVEIRA

ril, conforme resolverem, pois conhecem bem a importância capital do treino durante o inverno.

Têm, no entanto, um «sonho» — possuem piscina própria. Garantiram-nos que, com ela, a natação «leonina» retomaria, dentro de pouco tempo, o brilho de outras eras.

Todavia, dizem, algo de importante se está passando dentro do Sporting com vista à pretendida piscina. Têm-se efectuado reuniões especiais para debater e tratar o assunto, e outras diligências estão em curso.

As figuras mais representativas da direcção do clube interessam-se, de facto, pelo magno problema. E não será para estranhar que o «sonho» seja dentro em breve uma realidade insofismável, ali para os lados do Lumiar...

BOXING

SILVA RUIVO

vai ser homenageado no dia 25

TUDO se conjuga para que a festa de homenagem ao «boxeur» Silva Ruivo, antigo campeão nacional e o primeiro pugilista português, tenha o significado que merece. Trata-se evidentemente da consagração ao valor demonstrado pelo nosso compatriota — que foi um ídolo de há duas décadas. E Silva Ruivo, pela sua tenacidade e pela dedicação que sempre devotou ao «boxing» — quer praticando-o, quer ensinando-o a muitos neófitos, que, mais tarde, honraram o Mestre — bem merece a homenagem que uma comissão de amigos, composta dos srs. Tavares Coutinho, Pierre Charles e Silva Lopes, lhe promove na noite de 25, no Estádio Mayer, gentilmente cedido pelo sr. Domingos Pinto, sem quaisquer encargos de organização.

Têm sido em número elevado as adesões que a referida comissão recebeu até agora. E conta-se ainda com o patrocínio da D. G. D. e a colaboração prestimosa da F. P. B., além da cooperação, igualmente valiosa, de grande núcleo de antigos «boxeurs», entre os quais se notam «nomes» como os de Basílio de Oliveira, Xavier de Araújo, Manuel Guita, Francisco Brito, Luís Viegas, Américo Hernani, Walter Pressler, Humberto Caldas e dos próprios Tavares Coutinho e Pierre Charles, que também figuram no programa. Domingos Pinto não se limitou a ceder o seu Estádio Mayer, pois igualmente subirá ao «ring» — para demonstrar, em público, as suas aptidões de pugilista.

Esta parada de veteranos deve constituir número de interesse, quanto mais não seja pelo aspecto de evocação — que tem o sentido da saudade, sentimento só compreendido da gente portuguesa.

Mas há mais: Agostinho Guedes, o melhor «boxeur» português da actualidade — provou-o exuberantemente contra Eloy, — Beni Levi, que é um ídolo do público, Manuel Matos, Miguel França e o ex-campeão espanhol Sória (tudo profissionais!) comprometeram-se a lutar, nessa sessão, sem boia — gesto que os dignifica, e especialmente a Sória, por não ser português...

O sr. capitão António Cardoso, Inspector de Desportos e antigo aluno de Ruivo, fará o elogio desportivo do homenageado. E um nosso camarada escreveu, a convite da comissão organizadora da festa, a biografia do antigo campeão e seu amigo de sempre — a qual será vendida, por um grupo de gentis senhoras, no próprio Estádio Mayer.

Ontem, deviam ter-se reinido, com a comissão organizadora alguns «managers» de pugilistas profissionais, a fim de estabelecer-se em definitivo o programa da festa em honra de Ruivo, que na noite de 25 vai, decerto, sentir mais de perto a amizade daqueles que o não esqueceram e querem, publicamente, significar-lhe todo o seu apreço.

«Stádium» associa-se gostosamente a essa festa de consagração, com a oferta de meda lhas destinadas aos vencedores dos combates de amadores.



Benfica-Atlético: — Um bom susto para Armando Jorge



Sporting-Unidos: — Leone, pleno de energia, antecipa-se com êxito a Ermitério



Belenenses-Fósforos: — Uma defesa de Salvador



Benfica-Atlético: — Formidável entrada de Ventura para desarmar o extremo Rogério

Belenenses Benfica Sporting

foram os vencedores da 4.ª jornada



Belenenses-Fósforos: — Dois aspectos da movimentada luta travada em Marvila



Sporting-Unidos: — Armindo ganha na luta com Jesus



Benfica-Atlético: — Teixeira conduz uma avançada com a sua sempre generosa energia

A subida do F. C. do Pôrto

ANDARAM uma época — aquela que findou — a «dizer mal»: que o F. C. Pôrto não tinha grupo definido, alinhavado, apto a lutar em tôdas as emergências!

Parece que esta terá de decorrer por forma diferente: levá-la-ão a dizer bem, o que é muito mais agradável para quem não é «mau» por vontade...

Porque a verdade é uma só: o F. C. Pôrto pode e deve, se as coisas não mudarem, contar com o seu grupo de honra, com esse conjunto de novos que está dando lições a muitos velhos, em especial aqueles que, porque o seu clube perdeu, rasgam os cartões, em sinal de desprezo, com um sorriso escarmino na face. Bem hajam os «miudos» do F. C. Pôrto! Vieram dar vida nova à sua colectividade e revivificar um corpo caído, que estava já como que no desabar de tôdas as ilusões, abismo de tôdas as esperanças.

Dá gosto ver jogar êstes «pequenos», auxiliados pela experiência de Artur de Sousa e pela fogaosidade de Manuel dos Anjos.

Alfredo e Francisco, um e outro, estão bons, batendo bem a bola, procurando acertar com Camilo, um «adesivo» que está igualmente dando boa conta de si. Para a linha de médios vem agora outro «adesivo»: Maiato. Revela qualidades, tem a intuição do jogador que conhece o lugar, que sabe como e quando deve agir. No seu caminho e posição de braços, bem como em certos pormenores, lembra a figura dêsse grande amigo que é Carlos Pereira. Haverá quem estranhe a ousadia da afirmação, se bem que não pretendamos dizer que êle é um Carlos Pereira; mas não há dúvida que certos gestos fazem lembrar o grande médio centro que teve o F. C. Pôrto. Se Maiato for bem encaminhado e se aprender o que Lipo lhe ensinar, estamos certos de que teremos ali um bom jogador. Agora mesmo só lhe falta personalidade na equipa, que aliás o contacto diário lhe poderá dar.

No ataque, Lourenço, Póvoas, Faria, Araújo (os últimos são quasi uniformemente os primeiros) estão em franco progresso. Rijos e disputando bem, estão formidáveis como «artilheiros». Vimos há dias jogar Correia Dias e um «petiz»: Toninho Falcão. Aquêle está em «forma», e êste so tem um defeito: pouco físico. De resto, soberbo. Recordemos aquêles passes na segunda parte do jogo, aquelas «fintas», a denunciar classe de jogador, a pesar de por enquanto só ter físico de «rapazinho».

Com a entrada de Correia Dias e a deslocação de Lourenço para a direita, mantendo Póvoas à esquerda (êste último agradando-nos mais do que na época finda), o quinteto atacante dos portugueses fica em óptimas condições. Faria talvez precise de fazer, se for possível, um estágio nas «reservas». As vezes a ousadia não chega para fazer um bom jogador. Faria tem qualidades que precisam de ser orientadas e bem estudadas por si próprio.

Não nos referimos ao sector médio, a não ser para dizer que Sárria está seguro, embora a muitos pareça que não. Ordens — cumprem-se e não se discutem.

Nas rédes urge colocar outro homem: Néca, por exemplo, que agradeu contra Braga. Mas êsse ou outro qualquer, mais seguro, mais guarda-rêdes do que o titular, que está fraco.

Em resumo — rédes: homem a necessitar substituição; defesa: três homens bons, batendo bem, com algum sentido de colocação da bola, melhorando de jogo para jogo. Com outra aquisição, esperada de momento a momento, serão duas «parelhas» boas; meia-defesa: com o «retoque» de Maiato, no futuro, deve êste sector dar o rendimento que lhe é exigido, para que o progresso do jogo se faça em sentido crescente. Não se partirá a linha pelo meio e nem Pocas ou Sárria serão obrigados a derivar; ataque: bom. Não dizemos óptimo para não escrever ao contrário do que é nosso hábito. Todos batalhadores, embora a sua compleição física não dê para grandes embates, podem suprir essa deficiência através de um sistema de jogo que o seu treinador estudar e lhes indicar. Todos estão com o pé afinado — e alça pouco levantada. Ainda assim

Stadium

na Capital do Norte

ATLETISMO

O entusiasmo do Salgueiros pela modalidade

A presença da equipa do popular Salgueiros nos campeonatos dêste ano foi um facto que merece ser sublinhado nestes comentários, não só pelos resultados técnicos obtidos — alguns apreciáveis — mas sobretudo pelo interesse que os dirigentes daquela agremiação demonstraram ter pela salutar modalidade desportiva. A iniciativa salgueirista fica, pois, como dos acontecimentos mais importantes e valiosos da época atlética de 1943. E sugerimos estas palavras: um clube desportivo, que procure desempenhar cabalmente a sua missão, não pode — nem devia ser permitida a sua existência, neste caso — dedicar toda a sua acção a uma equipa de futebol. Um clube desportivo não é, positivamente, um *team* de futebol... A sua tarefa deve ter por mira mais altos e salutareos objectivos: cultivar o físico dos seus associados pelos meios mais benéficos — e entre êsses «meios» está, em primeiro lugar, a prática consciente e regrada do atletismo.

O Salgueiros assim pensou e na temporada que acaba de findar deu-nos a consoladora realidade da organização de um grupo de jovens atletas, que vieram, com a sua presença — além de tudo — valorizar o ambiente do atletismo nortenho. Fica no «quadro de honra» de 1943 a iniciativa salgueirista!

Orientou tecnicamente a secção o sr. Joaquim Moreira Júnior, antigo praticante, que dentro das suas possibilidades procurou acertar. Com pouco tempo disponível e tendo começado a trabalhar com certo atraso em relação à data das provas, Moreira Júnior não teve possibilidades de contribuir para a valorização técnica dos seus atletas.

Entre êstes, destacaram-se os «novos» com melhores condições físicas naturais, e os «velhos» — vindos de outros clubes — já criados numa bitola conhecida. Mas dentro dos seus limitados recursos de técnica e de insensível trabalhador pelo atletismo, Moreira Júnior está de parabéns.

Entre os diversos praticantes que o Salgueiros apresentou, um dêles merece referência especial: António Bernardo da Silva — um jovem, que pela primeira vez correu como «filhado». Trata-se de um rapaz cheio de habilidade, mas crivado de defeitos. E não houve a preocupação de orientar com cuidado os seus esforços, pois foi-lhe permitida subida rápida de estreaite a senior, numa época, quando as suas condições físicas e os seus «resultados» — embora prometedores, nada têm, por agora, de excepcionais — pediam cautela e ponderação. Não sabemos se a culpa dêste facto deva ser atribuída ao treinador, se aos dirigentes, ciros de campeonato. De qualquer forma, porém, não se cuidou do atleta como seria justo fazê-lo.

António Bernardo da Silva ver-se-á, de repente, a lutar com seniores, quando os seus conhecimentos são ainda, na verdade, de principiante. Tanto tecnicamente, como debaixo do ponto de vista tático, terá muito a aprender.

Martins Ribeiro é outro jovem a aproveitar, mas que hoje também já é senior! Que pena faz ver os nossos dirigentes a «cuidar tão descuidadamente» dos seus atletas! Venceu brilhantemente no triplo-salto dos nacionais da categoria máxima, embora não tivesse lutado com os melhores especialistas e a sua «marca» seja modesta. E' um atleta com futuro, mas que

— parece impossível... — o menos «certo» é Artur de Sousa. Êste, porém, está a seguir boa tática, deixando jogar os «cattralos», servindo-lhes jogo, lançando-os e fazendo-os dar tudo... Já temos visto êste «cinco» delinear esplêndidos esquemas de jogo, com filigranas... que só presenciámos no tempo do «trio fantástico»...

MÁRIO AFONSO

andou toda a época à procura da sua especialidade — entrou em corridas planas e com obstáculos, e saltou — tendo ido collier a sua melhor classificação precisamente na prova para que está menos indicado...

Martins Ribeiro, se tiver quem o anime, poderá ser razoável barreiraista. E chegámos a esta triste realidade: Martins Ribeiro, um senior, ainda não encontrou a sua especialidade!

Lamentam-se, na verdade, êstes dois desistesses, que são fruto dos modestos conhecimentos técnicos de quem os orientou. Êstes erros devem ter servido de lição e estamos certos que na próxima temporada não se vão repetir. O Salgueiros dispõe, felizmente, de outros jovens, capazes de emendar os dois deslises acima apontados. José Seixas e Alfiso Silva, por exemplo, são atletas com futuro.

E como esta crónica já vai longa, deixamos para o próximo número os comentários à equipa do Académico de Braga e à do Operário.

EDUARDO SOARES

Notas... sem valor

GRANDE enchente no jogo Pôrto-Salgueiros! A receita da bilheteira foi boa para os dois clubes. Os amadores de estatísticas apontam 15 mil pessoas. Do lado financeiro, a receita bruta foi de 33.800\$00.

— A falta de Vitor Guilhar na turma do Salgueiros surpreendeu muita gente. Os «fanáticos» da bola ficaram seriamente embarcados com a «chardada» do dia... Havia já um entendimento entre as duas partes, antes do jogo.

— Depois do desafio, os comentários tomaram outro objectivo, injustificavelmente, em face dos argumentos apresentados por «quem de direitos»... Formulou-se, portanto, uma «hipótese» sem consistência segura — «aleijou-se»... uma individualidade do desporto português, sem esta «meter bico no assunto».

— Uma jornada em chelo, de emoção, apenas no campo Augusto Lessa. A equipa do Salgueiros, sem d'finir ainda o seu «método» de jogo, bateu-se bem, palmo a palmo, para manter os seus velhos créditos... Perdeu a «cartada», mas com honra e brio desportivo.

— Muitas complicações nas principais turmas dos clubes da 1.ª Divisão, com as contrariedades agora surgidas. Nos clubes do Pôrto o «caso» é muito sério. São elementos de valor, com larga experiência na equipa.

— A série de anotações da F. P. de Basketball, com referência aos clubes da Associação do Pôrto, motivou uma reacção nos orientadores das secções dos mais cotados grupos da cidade. Falou já o mais interessado no caso, esclarecendo bem o ponto da anotação da entidade do sul.

— Repareceu Correia Dias, no jogo Pôrto-Sporting de Braga. O *ovarense* confirmou ainda o seu valor futebolístico. Gostámos da sua exibição no centro do ataque do F. C. Pôrto. Bastante folgado... Correia Dias deu, assim, uma «satisfação» aos seus admiradores.

— Volta a envergar a camisola do Boavista, como último «recurso», o velho jogador Reis. Regista-se com agrado geral o amor clubista de um praticante antigo, que na hora própria está presente, dando o seu valioso concurso ao grupo do Be-sa.

— Uma nova modalidade no Vilanovense — o ciclismo. O clube de além-rio tem largos projectos, como já foram divulgados pelo nosso distinto colega «Zé de Gaia», a verdadeira fonte das informações velocipedicas... Bravo, Ferraz Carneiro, pela arrojada iniciativa! Necessita de um bom chefe de secção para seleccionar a «rapaziada» do desporto do pedal.

Os campeonatos nacionais da FNAT tiveram grande interesse

Comentários por SALAZAR CARREIRA

A «Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho», que desde os primeiros tempos da sua existência consagrou à propagação desportiva e à organização ginnástica nos meios operários, o maior empenho, tem exercido de há um ano para cá uma acção influente e profícua na divulgação e aperfeiçoamento do atletismo, cujos resultados favoráveis começam a ser notados.

A instituição na época passada de treinos oficialmente dirigidos, os campeonatos lisboenses organizados em duas categorias, o funcionamento durante o inverno do curso de monitores, os campeonatos regionais de 1943 em Lisboa, Porto e Braga e, finalmente, o torneio nacional de domingo passado no campo «Afonso de Albuquerque», inaugurado poucos meses atrás, são os marcos e vocativos de uma rota triunfal.

Reservando as suas competências apenas aos atletas que nunca tomaram parte em provas de organização oficial clubista ou que tenham deixado de o fazer pelo menos há três épocas, refine forçadamente homens de escassa experiência técnica ainda rudimentar, mas fomenta a expansão da modalidade entre aqueles que ainda a não conhecem, oferecendo-lhe pela restrição de participantes, o ambiente de equilíbrio mais próprio a evitar desânimos e retrocessos.

Os torneios este ano celebrados revelaram alguns elementos com promissoras aptidões, capazes de progresso interessante se forem convenientemente assistidos na sua preparação até às competições da próxima temporada.

As nove provas constantes do programa dos Nacionais Trabalhistas, deram seis vitórias aos lisboetas e três aos portugueses, que foram os melhores adversários, pois a representação bracarense não correspondeu aos resultados obtidos nos seus regionais. O melhor homem pareceu ser o corredor de velocidade Armando Oliveira, eliminado na final por duas falsas partidas.

Algumas marcas ultrapassaram a expectativa (em especial os 6^m, 13 do saltador em comprimento Francisco Lopes, futebolista de renome) e as quatro corridas conseguiram entusiasmar a escassa assistência e tiveram maior emoção do que muitas daquelas que presenciámos nos campeonatos dos ases federativos.

Na final dos 80 metros, os três primeiros chegaram distanciados de centímetros; Carlos Santos, da F. N. L. M., o organismo que melhores resultados conjuntos alcançou, venceu com merecimento, porque já na eliminatória percorreu a distância em 9,7 s., o melhor tempo registado. Craveiro da Costa (9,8 s. na eliminatória) e Carlos Azevedo (9,8 s. na eliminatória), classificaram-se por esta ordem separados por um fio. Recordamos que nos precedentes campeonatos de Lisboa, ambos foram dados em empate, na final, que houve de ser repetida.

O sapador bombeiro César Gomes ganhou os 300 metros em 40 s., com a mesma autoridade do regional; é um corredor de impressionante poder, voluntarioso e combativo, daquela classe dos atletas que nunca se consideram vencidos antes do fio da meta. Tem estofa para alcançar boas marcas em distâncias de velocidade prolongada. O seu segundo António José Freitas, é da categoria, mas menos possante.

A corrida do quilómetro foi muito inteligentemente vencida por Joaquim Campos em 2 m. 55 s.; partiu no ritmo que lhe convinha, sem se impressionar com os ardores iniciais dos adversários e seguiu na cola do pelotão durante volta e meia. Aproximou-se dos primeiros na reta oposta, fez a curva à corda para atacar na reta de chegada de forma a ocupar já a cabeça ao entrar para a última volta, e atingiu destacado a meta, a pesar-da enérgica perseguição de José Maria dos Santos.

O interesse dos 3000 metros consistiu no corajoso esforço do vencedor, José António de Araújo, para se classificar dentro do tempo máximo de 10 minutos fixado pelo regulamento,

e na tentativa persistente de Atilano Vieira para o alcançar; por vezes sucessivas se aproximou a poucos metros, mas sempre Araújo lhe fugiu para vencer em 9 m. 52 s. Excelente vitória de um novo que o primeiro torneio de simpatizantes do Sporting revelou há um mês.

As provas de saltos foram bem disputadas e apreciáveis os resultados no comprimento: 6^m, 13 por Francisco Lopes; 5^m, 62 por Henrique Leite; António Pinto da Cunha (Porto) e Joaquim Campos transpuseram 1^m, 50 em altura, ganhando o primeiro pela diferença de um decímetro na altura precedente.

Os lançamentos foram apanágio de «handballistas» conhecidos: o português Gomes ganhou o peso com 11^m, 65 e o disco com 30^m, 98, o sportinguista Correia César venceu o dardo com 39^m, 16. Ambos foram, em época anterior, campeões regionais de lançamentos.

O antigo «sprinter» belenense António Araújo e o futebolista alcantarenses Francisco Lopes foram bons segundos nestas provas.

A propósito...

Paulo Martins

fala-nos de «hockey» em campo

DAS modalidades desportivas consideradas pobres — na expansão e nas condições de vida — é talvez o «hockey» em campo a menos favorecida, ou uma das menos favorecidas. E compreende-se isso perfeitamente, pois trata-se de um desporto caro, que nem toda a gente pode praticar. O material custa muito dinheiro — e só os «sticks» (para não falarmos nas caneleiras de guarda-rêdes e nas botas) estão actualmente por um dinheirão! Claro que nem todos os clubes podem suportar essas despesas, e então são os praticantes que as suportam, quasi sempre com dificuldades. É preciso haver aquilo a que habitualmente se chama «fogo sagrado» (ou paixão pelo jogo) para se compreenderem esses sacrifícios.

Mas o «hockey» em campo é um desporto que já teve sua voga — ainda não há muitos anos... — e nessa altura podia contar com as simpatias do público. Hoje, porém, luta com dificuldades tremendas. E como não é um desporto comercializado — mas sim amador, no mais puro sentido do termo — vê-se em apuros para abrir caminho e vai vivendo de algumas dedicações. Uma delas está bem latente na pessoa do sr. Vicente Paulo Martins — que há cerca de três anos preside aos destinos da Associação de Lisboa — um amigo devotado da modalidade e que por ela muito tem feito.

O sr. Paulo Martins é um benfiquista ferrenho — que veio para o «hockey» trazido por mão amiga! Apenas conhecia a modalidade — por ouvir falar dela; mas em breve se tornou um bom dirigente, cuja utilidade tem sido por todos reconhecida. E um amigo, também; hoje, é uma figura altamente cotada do «hockey», que não dispensa já os seus serviços...

A sua acção se deve aos melhores iniciativos dos últimos anos — como o reatamento das relações com o Porto e a vinda até nós de uma equipa de Madrid.

— Sinto-me fatigado e farto de lutar. Foram estas as primeiras palavras de Paulo Martins, quando lhe perguntámos o que havia acerca de «hockey». Mas — prosseguiu — cá tenho de estar no «poleiro», enquanto não apareça quem queira tomar conta da Associação.

— Entretanto...
— Ir-se-á dando cumprimento a esse programa de há muito estabelecido, que principia, naturalmente, pelo torneio de abertura, uma prova que serve sempre de indicação para organizações futuras. Depois...

— As competições oficiais, claro está — continuamos nós.

— Sim. Se ainda cá estiver! Mas espero,

«BOXING» — Efectuou-se ante-onhem, no Porto, uma reunião em que tomaram parte o espanhol Sampedro e os portugueses Lúcio Passos, campeão de meios-leves, Albano Santos, Mário Pereira, Quintino, Manuel Cândido, Guilherme Martins, Felipe de Almeida, Rebelo e Pacheco, que reapareceu. Uma sessão popular com alguns novos e um «match» internacional.

— Augusto Sousa deve lutar esta noite, em Barcelona, com o catalão Martínez Peralas — um vencido, por 4-0, do «challenger» ao título de Beni Levi — combatendo Raul Oliveira, na mesma sessão, com o espanhol Pastero.

CICLISMO — O Benfica promoveu um festival, no seu campo, homenageando o veterano Ernesto Nascimento. Disputaram-se «ginkhanas» mistas e corridas infantis, de que ficaram vencedores: D. Maria do Céu, a menina Adelaide Horta e o menino Orlando Neto.

FUTEBOL — Resultados da última jornada dos campeonatos regionais: *Aveiro*: Beira Mar-Ovarense, 1-1; *Saizense*: Oliviteiros, 3-0; *Braga*: Vitória de Guimarães-Sporting de Fafe, 3-0; *Sporting*: Braga-Viçela, 6-2; *Famalicão-Gil Vicente*, 7-1; *Castelo Branco*: S. C. Castelo Branco-Albacastrense, 8-1; *Sp. Covilhã*: S. L. Covilhã, 3-1; *Coimbra*: União-Andaia, 5-1; *Académica*: Lusitânia, 5-1; *Naval-Sport*, 3-2; *Evora*: União Montemor-Estremoz, 5-2; *Juventude*: Lusitânia, 6-1; *Faro*: Sp. Farense-Gloriosa, 7-0; *Sp. Olhanense-Lusitano*, 10-0; *Lisitano*: S. L. Faro, 11-0; *Viana*: Académico-Desportivo Vossela, 3-1.

— Num festival promovido pela secção velocipedista do Benfica, o S. L. Saúde venceu um mixto de ciclistas, por 12-0, «goals» de Xavier (3), Oliveira (2), V. Hugo, Cardoso, M. Vieira, Gustavo e José Soares.

— Indo nome para os veteranos... — eram: Amaro; Gustavo e major Pimenta; Correia, V. Hugo e Vargas; M. Vieira, Cardoso, Oliveira, Xavier e D. Lopes.

«HOCKEY» EM PATINS — Últimos resultados da «Taça de Honra — 1943»: Ateneu-Académica e H. C. Sintra, 4-3 e 6-3; Futebol Benfica-Académica e Campo de Ourique, 10-1 e 5-3; Págo de Arcos-Lisiga e Benfica, 7-4 e 7-1; Sp. Oeiras-Tabacos e Sporting, 4-2 e 10-2; Benfica-Sporting, 8-3; Cascais-H. C. Sintra, 2-0; Campo de Ourique-Tabacos, 7-2; Lisiga-Cascais, 6-5.

NATAÇÃO — A «1/2 milha de Aveiro» foi ganha pelo individual Manuel Rendeiro, que conquistou a taça «Primeiro de Janeiro». As restantes taças ficaram assim distribuídas: Manuel Pinto de Azevedo (Italo) e «Piscina-Solário Atlântico» para o Beira Mar, e «Grande Casino de Espinho», para o Murtoense.

— Em Alhandra efectuou-se uma jornada de tentativas de «recórdos», e o Nacional promoveu, na sua piscina de S. Bento, um festival para encerramento de classes.

— As equipas da Imprensa Nacional e dos Bombeiros ficaram em igualdade de pontos, na classificação do torneio para a taça «Carlos Bento».

TÊNIS — Nos campeonatos internacionais da Costa do Sol, verificaram-se os resultados finais seguintes: Pêpa Chavarrri (espanhola) v. Miss Flint (inglesa), 6-0 e 6-0; José Roquette v. Szavost (húngaro), 6-4 e 8-6; Roquette-Szavost, v. Bartroll-Olózaga (espanhola), 6-4 e 6-3; Gabriela Cantarino-Szavost v. Pêpa Chavarrri-Olózaga, 6-2 e 6-1.

— O «Centro Suzanne Lenglen», em Santo Amaro de Oeiras, foi visitado pelo Director Geral dos Desportos.

TIRO — Começou no sábado, na carreira «Vergueiro — Dacia Soares», em Pedrouços, o torneio promovido para celebrar o Jubileu de Ouro da Sociedade de Tiro S.º (antigo Grupo Pátria). As provas foram inauguradas pelo general Amílcar Mota, em representação do Chefe do Estado.

WATER-POLO — O Algués e Dafundo ganhou o torneio da taça «Stádium», com seis pontos e 12-0, ficando em segundo lugar o Alhandra. A equipa B do S. A. D. desistiu da prova.

para esse tempo, estar já substituído... Antes de isso, porém — posto que me querem cá mais uns meses! — procurarei promover o interesse da «Mocidade Portuguesa» por este desporto. O «hockey» precisa de juventude, de gente nova. A maioria dos praticantes são veteranos, que já estão em idade de descansar. E do que a modalidade precisa é de novos cultores. A «Mocidade Portuguesa» — se quiser — pode fazer muito em prol do «hockey».

«Como deve saber, não podem disputar-se os campeonatos de juniores. Quisemos fazê-los mas uma disposição legal impediu-nos de levar a idéia por diante. Compete, pois, a outros segui-la. É o que espero. E ninguém melhor que essa Organização Nacional, tão simpática e tão útil à juventude portuguesa, pode fazê-lo. Creio mesmo que os seus dirigentes se interessam por isso, conforme depreendi das diligências que se fizeram nesse sentido.

«A gente moça de Portugal pode e deve praticar desporto. O «hockey» em campo é excelente, nesse aspecto: como escola de virtudes e de civismo, até mesmo para educação e disciplina dos jovens. O futuro o dirá...

Felou um dirigente consciencioso, que tem dado sobejas provas de competência e de amizade pelo desporto, Paulo Martins, em poucas palavras, dissera tudo quanto, de momento, interessa saber. Esperemos, agora, pelo resultado das suas diligências, que, se forem coroadas de êxito, constituem o melhor prémio do seu trabalho de três anos em prol do «hockey».

JORGE MONTEIRO

A semana ATRAVÉS DA OBJECTIVA



O Júbileu de Oiro da S. T. 2 — Em cima, à esquerda: o coronel Joaquim de Azevedo fazendo fogo; à direita, aspecto da carreira de Pedrouços na inauguração do torneio; em baixo, o general Amílcar Mota, representante do Chefe do Estado, admira os prémios

O dr. Guilherme Pereira da Rosa distribui os prémios do Concurso Hípico de Cascais



Peggy Brixes — vencedora da campeon. nacional, Gabriela Cantarino — e José Roquette, que derrotou Szavot e Bartoli, foram figuras salientes dos campeonatos de ténis de Cascais!



O
Campeonato
de Futebol de
SETUBAL
e a 2.^a divisão da
A.F.L.



No Barreiro: 1—O «team» de honra do Barreirense com a taça monumental de «O Século», conquistada no último campeonato nacional da 2.^a Divisão; 2, 3 e 4—Algumas movimentadas fases do encontro do domingo entre o Barreirense e o Unidos do Barreiro (fotos Manique). Em Lisboa: 5—No jogo Operário-Casa Pia, o «keeper» do primeiro inutiliza um ataque dos casapianos (foto C. Madeira).



O GIMNASIO CLUBE PORTUGUÊS

reuniu-se em assembléa geral
e elegeu novos corpos directivos

O **Gimnásio Clube Português**, centro de cultura física por excelência e instituto onde a juventude das últimas gerações se adestrou nos exercícios gimnásticos e na prática de várias especialidades desportivas, teve na época finda, de permeio com os mais retumbantes êxitos de toda a sua brilhante existência, períodos de crise resultantes da incapacidade directiva patenteada por alguns dos seus orientadores.

Do mesmo modo que não é atleta quem quer, também não podem ser dirigentes de uma agremiação os indivíduos que carecem de preparação intelectual e de faculdades ou predicações susceptíveis de produzir bom rendimento no desempenho do cargo que pretendem ocupar.

À inteligência, como à educação, a um espírito agudo, como à delicadeza — se quisermos dizer o mesmo por outras palavras — devem aliarse qualidades de trabalho, de orientação e de energia capazes de responder prontamente à chamada logo que tal seja necessário.

Não basta possuir maior ou menor quantitativo de bens materiais; não é suficiente a demonstração de apreciável capacidade de resistência à fadiga física; tão pouco bastam as manifestações de bondade. Nada disto terá valor se não lhe corresponder um espírito superior, se ao esforço não estiverem aliadas boas directrizes e se os dotes de coração não derem lugar, quando preciso, à energia capaz de forçar à observância de preceitos estabelecidos para as relações entre dirigentes, dirigidos e contratados.

Pois foi, precisamente, por carência de algumas das qualidades fundamentais acima referidas, que a direcção transacta do **Gimnásio Clube Português**, a pesar de ter produzido excelente trabalho sob os aspectos desportivo, administrativo e financeiro, não soube evitar actos extremamente desagradáveis sob o ponto de vista disciplinar. Tais actos acarretaram-lhe largos dissabores durante toda a gerência, aos quais pôs fim a assembléa geral que se effectou na quarta-feira passada. Oxalá que a lição aproveite e sirva de exemplo aos novos orientadores do clube.

A sessão esteve muito concorrida. Não se falou demais, ou por outra, não apareceram oradores tão verbosos como é hábito em reuniões do género. Mesmo assim só pudemos abandonar a sala 4 horas e meia depois de lá ter entrado. Nada menos que um jornalístico, no desempenho de missão jornalística, das 22 horas às 2,30 da madrugada!

Só a leitura do processo disciplinar instaurado ao sócio **Fernando Pires** e do recurso apresentado por este senhor durou mais de 50 minutos. Felizmente, a discussão do caso não foi tão demorada.

Em síntese, os trabalhos da assembléa concretizaram-se no seguinte: teceram-se justos louvores ao falecido dirigente sr. **Alvaro de Lacerda**, a quem foi resolvido prestar homenagem póstuma, mandando colocar na sala «**Luiz Monteiro**» uma lápida enaltecadora da obra realizada por aquele sócio.

Aprovou-se o relatório e as conclusões apresentadas pela direcção, conselho técnico e comissão revisora de contas. Em escrutínio secreto, a assembléa manifestou a sua discordância com a proposta de expulsão do sócio a que mais acima fazemos referência, querendo, talvez, demonstrar assim que, em «eu entender, havia outras pessoas com mais graves culpas no cartório...»

Nomearam-se sócios honorários os srs. tenente coronel **Salvação Barreto**, illustre Director Geral dos Desportos, e **Rafil Oliveira**.

Houve votos de louvor à **Imprensa** em geral e uma referência especial à revista «**Stadium**», pelas «suas sugestivas reportagens».

E, a findar, procedeu-se à eleição dos novos corpos gerentes. Além das listas apresentadas pela direcção cessante, apareceram outras. Tal facta originou grande divisão de votos, mas as primeiras triunfaram, embora por pouco, bastando dizer-se que, dos 94 documentos entra-

NOS CAMPEONATOS INTERNACIONAIS DE PORTUGAL

o jogador espanhol **Bartroli** foi a figura mais em evidência

JÁ tem sido dito muitas vezes que os tempos não correm de feição para o ténis. Não é só a dificuldade da aquisição de bolas ou raquetes; é, também, a quasi impossibilidade de valorizar as competições com a presença de um ou de outro campeão estrangeiro de nomeada.

Mas a tradição pode muito. E só pela força da tradição, certamente, o **Sporting Clube de Cascais** não deixou de organizar, mais uma vez, os seus campeonatos internacionais de Portugal, a que a **Federação Portuguesa de Ténis** deu o seu patrocínio.

O esforço, interésse e dedicação que o aristocrático clube da **Parada** evidenciou, é digno de aplausos. E a pesar-de não ter sido possível trazer a **Cascais** qualquer outra «novidade» que não fosse **Pepa Chavarrí**, aureolada com o seu título de campeã de **Espanha**, a iniciativa do clube a que preside o dr. **Ricardo Espírito Santo** e **Silva** merece a simpatia e o reconhecimento de todos os adeptos da modalidade... e das reuniões mundanas.

Para o **Sporting Clube de Cascais**, vão, portanto, as nossas primeiras palavras de louvor.

Falemos na direcção dos campeonatos. Confiado esse encargo a dois dirigentes da **Federação**, não constitue surpresa ter-se verificado boa organização, ainda que facilitada por variadas circunstâncias. Desde o estado do tempo até à larga percentagem de concorrentes nas quatro finais, tudo se conjugou para emprestar interésse e animação às provas.

O programa da última jornada, pela importância dos encontros que incluía (nada menos do que as quatro finais), que não pela categoria dos jogadores em acção (pois neste aspecto já tem havido tardes de maior interésse), fica como dos melhores que os **Campeonatos Internacionais de Portugal** nos têm oferecido.

De resto, a competição desenrolou-se com crescente interésse — o natural interésse proveniente da selecção de valores.

Jaime Bartroli, **Fernando Olózaga** e **Mário Szavost** foram os grandes atractivos do torneio. Figuras gradas do ténis espanhol, esta nova série das suas exhibições em Portugal despertou curiosidade.

Valeriam, agora, estes tenistas mais do que em 1942? A resposta foi dada com clareza e precisão. Sem terem evidenciado progressos, o seu valor actual chegou para que tenhamos de os considerar superiores aos nossos tentistas de maior fama.

Jaime Bartroli mostrou-se em plano igual

dos nas urnas, 44 eram de «chapa», a favor de um lado, e 42 de igual apoio ao outro. Quasi todos os eleitos obtiveram, portanto, pequena superioridade em relação aos concorrentes. Só um deles, o sr. **Jervis Pereira**, alcançou quasi a unanimidade de votos.

Os corpos gerentes do **G. C. P.** ficaram agora assim constituídos:

Direcção — **João da Silveira Gomes**, dr. **Vasco Moniz de Almeida** (conde de **Nova Góa**), **Alvaro José da Costa**, **António Jervis Pereira**, **Alfredo da Cruz**, **António Sampaio Teixeira** e **Manuel Nunes Correia**.

Mesa da assembleia geral — **Presidente**, **Dario Canas**; vice-presidente, **Arnaldo Rebelo Franco** e **Abreu**; 1.º secretário, **José António Marques**; 2.º secretário, **D. Nuno de Lencastre (Alcaçovas)**; secretário-suplente, **José Luiz Nogueira**.

Comissão revisora de contas — **Mário dos Santos Gomes**, **Alfredo José dos Reis**, **Manuel Fernando Cardoso Aires Martins**, **João Tabor da Silva Castelo** e **António Tavares**.

Conselho técnico — **Hugo Heitor da Silva Gomes**, **Mário Abílio de Miranda**, **Fernando Ferreira**, **Frederico Paredes** e **Julio Reprezas**.

Também foram indicados para a direcção os srs. dr. **Jorge César Oom**, **Vitor Seruya**, **José António Marques**, **Guilherme Figueiredo**, **Reinaldo Monteiro**, **João Feresco**, **Adolfo Bravo**, dr. **César de Melo**, **Fernando Nunes Correia** e **Alexandre Fresco**.

ao de 1942. Voltou a ganhar a prova mais importante, sem que o mérito da vitória se fra contestação. E em pares-homens contribuiu decisivamente para que o título não mudasse de possuidor, jogando por si e pelo seu compatriota.

Dos três jogadores estrangeiros, **Bartroli** foi o melhor. Jogo calmo, consciente, feito com segurança, colocação e em força — práctico e não de exhibição.

Fernando Olózaga não está na sua melhor forma. Há um ano foi sempre adversário mais difícil para qualquer concorrente. O seu jogo mantém as mesmas características, mais de improvisação e de espectáculo.

Mário Szavost impressionou bem — mas melhor em «pares» do que em «singulares», tirando bom partido das suas condições atléticas e revelando vastos conhecimentos do jogo. Indiscutível a sua vitória nos «mistos».

O conjunto feminino foi dos melhores que temos visto. **Pepa Chavarrí**, **Mrs. Flint** e **Gabriela Cantarino** formaram o grupo dos melhores valores; **Maria Teresa Cunha**, **Miss Peggy Brixes** e **Miss Joyce Tait** constituíram outro núcleo.

A atenção do público incidiu sobre estes elementos.

A campeã de **Espanha** ganhou sem dificuldade a prova de «singulares». Ganhou... e convenceu, com o seu jogo de toada semelhante à do nosso **Domíngos Avilez**, em que a segurança e regularidade, a par de muita «cabeça», são predicados que saltam à vista. Todavia, julgamos que **Mrs. Flint** é capaz de melhor resultado contra **Pepa**. Em «mistos», não obstante ter a seu lado o compatriota **Bartroli**,

(Conclue na página seguinte)

O NACIONAL DE NATAÇÃO APRESENTOU OS ALUNOS DE 1943

PELAS escolas de natação do **Nacional** passaram, na presente época, cerca de quatrocentos alunos, de ambos os sexos e das idades mais dispares. Por este número se pode avaliar, portanto, a alta missão que o clube desempenha.

No **Nacional** trabalha-se como deve ser. O seu objectivo tem sido conseguido: «fazer nadadores. No domingo último, por exemplo, apresentaram-se em público mais de setenta rapazes que no início da época não sabiam sequer flutuar. E o facto, grande na sua aparente simplicidade, dispensa mais comentários.

O **Nacional** é, assim, uma escola de natação em franco progresso, que deve ser olhada com a maior simpatia e admiração.

Com uma tarde magnífica, o festival de domingo satisfz mesmo como espectáculo.

Os 100 metros bruços, inscrição livre, constituíram a melhor prova do programa. **Armando Pereira Marques**, **Anibal Martins** e **Américo Sampaio**, que se classificaram por esta ordem, travaram boa luta.

Além destes três nadadores já feitos, registemos os nomes de **Mário Santos**, **Mário Neves**, **Alfredo Fernandes**, **Mário Graça**, **Francisco Cabral da Silva**, **Esmeralda Silva** e **Edite Pereira**, que se salientaram da massa de alunos apresentados. Os resultados e os «tempos» têm secundário interésse. O festival valeu, repetimos, sobretudo como demonstração eloquente de uma época de trabalho produtivo.

Daniel de Pina Cabral

Encontra-se de novo em Lisboa o nosso querido amigo sr. 1.º tenente **Daniel Pereira de Pina Cabral**, conhecido esgrimista, mestre de armas e professor de educação física. Depois de longa permanência fora do continente, é com o maior jubilo que o vemos de novo entre nós, augurando-lhe as maiores prosperidades.

Campeonatos Regionais de Futebol

(Conclusão da pág. 3)

por vezes tanto ou mais do que a jogada subtil ou filigranada. De acôrdo.

O que se nos afigura, no entanto, intolerável, e este critério defendê-lo-emos enquanto pudermos e no-lo consentirem, é a prática do jogo feio vil e traiçoeiro, aquêlê golpe intencional (o joelho é um dos sítios mais procurados para o efeito) que se destina a eliminar o adversário sem conta de tempo. Todos, dirigentes, árbitros e críticos, devemos ser implacáveis para o jogo dessa natureza.

Em fins da primeira volta

Como tem sucedido noutras eras, a classificação geral está repartida em dois blocos, embora a queda de um para outro não seja lá muito brusca. Belenenses, Benfica e Sporting seguem em fila indiana. O Benfica roda com roda belenense. O Sporting, tendo deixado descolar os outros dois, seus mais directos adversários de todos os tempos, ainda não os perdeu, no entanto, de vista. Para a justa apreciação dos factos e números parece-nos conveniente não esquecer que tanto o Belenenses como o Benfica já visitaram o estádio do Lumiar, e que do diferente resultado dessa visita resulta justamente a colocação no primeiro e no segundo pósto da classificação geral.

A luta para a fuga ao último lugar também oferece este ano singulares atractivos. Porque não se sabe de ciência certa — ainda — quem será o último, nem é lícito vaticinar com firmeza, tão nevoeiroado se apresenta o horizonte. Tem de se ter bem em conta que o Pórforos já recebeu em sua casa tanto o Atlético como o Unidos, competindo-lhe agora retribuir a visita. Escurece o ar para os lados de Marvila...

A primeira volta acaba, já no próximo domingo, com um sensacional Belenenses-Benfica, em relva. Parece-nos que não se trata exclusivamente de resolver um problema, por ventura intrincado, entre dois clubes. Entendemos que o caso se reveste de maior amplitude. Trata-se porventura de um problema entre dois clubes, e entre esses dois e os demais clubes (particularmente Sporting em causa).

NA II DIVISÃO

Os encontros da quarta jornada do campeonato da II Divisão da A. F. L., realizados no último domingo, forneceram os resultados seguintes:

Estoril Praia-F. Benfica.	9-0
Olivais-Marvilense.	4-0
Chelas-Sacavenense.	3-1
Operário-Casa Pia A. C.	3-1

Graças a estes resultados, o Estoril aumentou, de 3 para 5 pontos, a diferença que o separava dos clubes

TÊNIS EM CASCAIS

(Conclusão da pág. anterior)

com quem ganhou o campeonato da nação vizinha, a sua actuação foi fraca.

Mrs. Flint não esteve na final de «singulares», mas temos de considerá-la a melhor jogadora que pisa com frequência os nossos «courts».

Miss Peggy Brixes deu-se ao luxo de bater Gabriela Cantarino. O resultado, por enquanto surpreendente, vale, apenas, como estímulo para a jovem jogadora, ao mesmo tempo que constitue aviso para a nossa campeã, de que não pode ficar certa da sua superioridade.

E, para finalizar, vamo-nos referir aos nossos jogadores.

A parte as exhibições agradáveis de Fernando Frade e Azevedo Gomes, a impressão geral é desanimadora. Eduardo Ricciardi, em má condição física, sofrendo de luxação num ombro, só jogou em «par-es-homens» e «mistos» e esteve muito abaixo do que vale.

José Roquete chegou às meias finais de singulares e por aí ficou, não correspondendo ao que se esperava e revelando incompreensível nervosismo.

Domingos Avilez começou muito bem o seu único encontro da prova, contra Szavost, mas

que o seguem na tabela da classificação — o Futebol Benfica e o Sacavenense. Estas duas equipas foram derrotadas, mas não perderam terreno, ainda que se tenham deixado alcançar por outros dois «teams»: Operário e Casa Pia A. C. O Marvilense atraiu-se, ficando em igualdade com o Chelas no ante-penúltimo pósto. E o Olivais continua último.

Verifica-se que enquanto o Estoril se distancia, aumentando a sua vantagem, de modo que lhe permite encerrar a competição, sem apreensões, os outros, ora ganhando, ora perdendo, travam luta renhida para a conquista dos lugares de honra. É mesmo este facto que constitue o atractivo do torneio.

Nos desfechos de domingo o Operário não logrou tirar partido da vantagem de jogar em casa. Nos quatro encontros marcaram-se 19 «goals» (nas jornadas anteriores: 13, 26, 27 e 10, sucessivamente)

O Estoril obteve o resultado mais expressivo da «tronda» — um resultado que dispensa comentários e que se afigura excessivo tendo em vista a boa actuação dos benfiquenses neste começo de prova.

Como sempre, os estorilenses empregaram-se com mais ardor até o intervalo; depois, seguros da vitória, abrandaram, mas o jogo continuou sem grande interesse. Coincidência: os nove «goals» foram marcados por três jogadores, com a melhor distribuição possível: três de Lima, três de Bravo e três de Raul Silva.

Os «encarnados» dos Olivais alcançaram a sua primeira vitória deste campeonato. Se o desfecho é admirável, a nitidez do «score» é que causa estranheza. Todavia, parece corresponder à marcha do encontro. Os quatro «goals» merecem referência especial, pois nos quatro encontros anteriores os avançados olivalenses totalizaram, apenas, cinco sítios. É de crer que o «team» visitante tenha actuado abaixo das suas possibilidades.

Podia esperar-se mais dos sacavenenses, em luta contra o Chelas. É natural que o «team» visitante accusasse a desvantagem da ausência de alguns titulares. Pela maneira como as coisas correram, o resultado está certo. O vencedor dominou sempre — e mais accentuadamente depois do intervalo.

Os caspianos voltaram a ter a sorte da luta pelo seu lado. É verdade que eles não têm culpa de que os avançados de S. Vicente estivessem em tarde de fraca inspiração. Mas a equipa foi tão dominada no segundo tempo que o empate é ilusório.

A equipa do Operário pareceu-nos capaz de melhorar, e pena que não tenha sido o homem que chegou a das suas últimas exhibições. Outro dia (contra o Sacavenense) foi a defesa que impedia a vitória; agora foi o ataque. Seja como for, a sua carreira neste campeonato é de elogiar — francamente melhor do que nos anteriores.

ZÉ DO PEÃO

NO PÓRTO...

O F. C. do Pórtio deveria vencer. Estava escrito. Redezido, logo de início, a 9 unidades, pouco tempo teve ao seu serviço os 10 homens que chegaram a lutar no rectângulo, porquanto Lourenço, maguado, nada fez durante grande parte do encontro.

Esta jornada serviu, em relação àquelles que duvidavam ainda do grau de recuperação do F. C. do Pórtio, para lhes garantir a afecção do grupo. E serviu também para vermos o esforço de três homens, que foram três «glórias»: Sáizera, Poca e Pina.

Bom futebol? Não. Era impossível contra um grupo aguerrido como o Leça, que dá tudo por tudo, que luta animoso até ao fim, que só deixa de jogar quando o árbitro assinala o termo do encontro.

É verdade que, por vezes, as linhas portistas viveram dos arrancos de alguns e que o F. C. P. cedeu, em especial na 2.ª parte, perante um grupo fofo e animado pela esperança de bater os 9-10 homens do campeão regional. Mas esse entusiasmo não bastou. As rédeas do F. C. P., confiadas a Soares dos Reis II, ficaram intactas.

Isto pode dar uma idéia do poder defensivo dos donos da casa. O resultado escasso denota, em particular, a deficiência do ataque, com falta de um elemento e com outro a não dar o rendimento indispensável para o regular progresso do grupo quanto ao ataque.

O Leça foi o seu costume: forte, donadado.

Os «encarnados» voltaram a ganhar: desta vez «ritamaram» o Académico, no campo deste, mas com resultado escasso. O Académico jogou desalçado de alguns dos seus bons elementos. O Salgueiros seu progresso, fraco progresso mesmo. A manter-se assim, parece que meterá a «enlo» no prato — ao que já tem direito...

Em Matosinhos, o Leixões derrotou o Boavista. Este grupo do Bessa continua a ser o das «filigranas». Mas isso não chega para ganhar. É preciso que «elas» entrem nas ballas contrárias. Bonito jogo, tudo certo... menos o B.

Os locais bateram-se dentro da sua costumada toada, em relevo quando se exhibe no seu terreno. Venceu o mais certo no atirar à baliza. De resto, um «goal» foi irregular e outro quasi consentido...

...E EM SETUBAL

TÓDAS as atenções da 6.ª jornada convergiram para o encontro Vitória-Barreirense, que se disputou em Setúbal, no campo dos Arcos.

Os grupos travaram luta desigual, porque o Vitória se viu privado do seu médio centro, Figueiredo, a 23 minutos de jogo.

não pôde manter a toada, acabando muito mal. Fernando Frade, deve, nestas condições, ser considerado o melhor dos portugueses.

DRIVE

HOCKEY EM PATINS

O Paço de Arcos H. C.

a caminho de novo triunfo

DAS colectividades mais modernas que se dedicam à prática do «hockey» em patin, é, sem dúvida alguma, o Paço de Arcos H. C. aquela que maiores progressos tem marcado. Em poucos anos de actividade, o clube da região da C sta do Sol conquistou já um campeonato nacional e outro de Lisboa, em «teams» principais, e três títulos nas categorias inferiores. Tendo perdido o campeonato de Portugal em favor do Futebol Benfica — outro clube que tem marcado acção de proeminência neste desporto — ostenta garbosamente os três títulos lisboenses da última época: em 1.ª, 2.ª e 3.ª categorias. E foi uma vez (em 1941) vencedor da «Taça de Honra» — competição que ora está a disputar-se, apetrechando-se, ao presente, para novo triunfo.

Clube moderno e modesto, que vive de dedicações e de amizades — pratica somente o «hockey» em patins. É, pois, uma colectividade especializada e, que, dentro da modalidade, só tem no Hockey de Sintra (mais novo três anos) quem o iguale. E como clube especializado tem cumprido fielmente a sua missão. Pelas suas fileiras têm passado alguns nomes gradados da patinagem e do «hockey», jogadores criados no clube; e há outros, como Jesus Correia, que são figuras de realce na actualidade.

Pois o Paço de Arcos apetrecha-se agora para aumentar a série das suas vitórias. Deve voltar a figurar na lista dos triunfadores da «Taça de Honra», uma prova que vai na nona edição, ao lado de nomes como os do Futebol Benfica (vencedor em 1936, 38 e 41), do Sporting (35 e 39) e do Benfica (37 e 40). Se ganhar — o Paço de Arcos será o primeiro clube a triunfar em dois anos consecutivos, igualando o Benfica e o Sporting no número de vitórias. E tudo faz crer que assim suceda — porque vai em mais de meio da prova, conta por triunfos «matches» em que tomou parte e desembaraçou-se, já, dos seus mais sérios competidores: Futebol Benfica (2-1) e Benfica (7-4). Apenas lhe falta deffrontar o Ateneu, o Cascais, o Sporting de Oeiras e o Desportivo dos Tabacos; e qualquer destes clubes só por «bamburrio» (que nestas andanças do desporto, às vezes, se verifica...) poderia ganhar-lhe! Se tal se desse — era a surpresa maior do ano, em «hockey» em patins...

É hábito dizer-se: *até ao lavar dos cestos é vindima!* Contudo, a «vindima», para o Paço de Arcos, deve estar feita — com a sua vitória de há poucos dias, em Benfica. Tratava-se de encontro de interesse vital, mas os campeões de Lisboa transpuseram o obstáculo. Com dificuldade, é certo; mas transpuseram-no; e agora deve ser custoso agarrá-los! Merecem parabéns os vencidos, em especial o Benfica — pelo seu comportamento, excelente até esta altura do torneio. Ninguém usaria pensar que os «encarnados» se aventurassem a tanto...

Diga-se, porém que os setubalenses, sem terem perdido o sentido de ataque e defendendo-se bem, chegaram ao fim dos noventa minutos com um «goal» a favor, sem resposta. No Barreirense não houve tática ofensiva, só a linha dianteira deve o Barreirense a derrota, porquanto médios e defesas cumpriram, salientando-se entre estes Pascoal e F. Silva.

No Seixal, os locais tiveram de se resignar ante uma equipa aguerrida como a do Luso e chegaram ao fim empantoados a 4 bolas.

Os camponês (Unidos) acusaram, talvez, fadiga do encontro com o Vitória, dois dias antes, e não puderam construir resultado mais expressivo do que 2-0.

E na risonha povoação de Arrentela, o Amora não conseguiu evitar que os donos do campo, mais bafeados pela sorte, ganhassem por 1-0, conquistando o 4.º lugar da classificação.

Terminou a primeira volta. Vitória, Unidos e Barreirense, mantêm-se favoritos da prova, e a qualquer deles não fica mal o título, pois já conhecem a auréola de campeões...

O Vitória, presentemente, é o «leader», registando só uma derrota em frente dos actuais campeões. Os setubalenses, que visitaram Amora nesta 7.ª jornada, poderão ganhar por 1-0, mais facilmente. No Barreiro, os campeões nacionais da II Divisão abriram um excelente triunfo (3-1) sobre os campeões desvirtados e o Luso bateu o Arrentela por 5-1, o que demonstra claramente a superioridade do vencedor. Finalmente, no Montijo, o 11 Unidos, castigou severamente o Seixal com 7-0, resultado que surpreendeu até os próprios adeptos.



1

Stadium

NO PORTO

1 — A jogada que deu o "goal" do Salgueiros no seu encontro com o Académico; 2 — No jogo F. C. P.-Leixões, Pinga luta com a defesa adversária; 3 — Santiago, guarda-redes do Académico, defende com estilo

(fotos Hermann)



2



3